Editorial

Este número de *Mnemosine* indaga, a cada um dos textos: “O que andamos fazendo de nossas vidas?”. E se a pergunta parece, à primeira vista, diretamente dirigida aos *psis* – muito se diz acerca de laudos, exames, abrigos, prisões, loucura etc. –, logo se percebe que ela vai *além* (ou que se posta *aquém*) de disciplinas ou profissionalismos instituídos. Porque não existe agente ou instância que se possa dizer alheio aos modos contemporâneos de subjetivação, com a evidente hegemonia sujeitadora que os atravessa ou percorre. Sendo assim, futebol, amores virtualizados, gestão hospitalar e espaços turísticos se acoplam, sem necessidade de justificativas que apelem ao desgastado termo “interdisciplinar”, aos modos-de-vida-e-morte que nos interessa analisar para, quem sabe, inventar inquietas liberdades.

O número traz algumas novidades em termos editoriais: pela primeira vez publica uma resenha, na qual História Oral, feminismo e política dialogam, nem sempre harmonicamente; já a seção Biografia decide “Cartola-grafar”, permeada por melodias em lugar de metodologias.

Por tudo isso, cumpre agradecer a autores e pareceristas que, em linha de fuga às estratificações, são tomados pela palavra de desordem “Somos todos nanicos”.

E a Simone Serafim, que sempre encontra um lugar para *Mnemosine* em sua vida.

Uma boa leitura a todos. A gente volta a se encontrar logo, logo.

Heliana de Barros Conde Rodrigues